



# São 23,30 H

E estes são os 30 Poemas que faltam para a Meia-noite



Cardoso, o Serrano

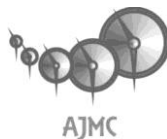


AJMC



**São 23,30 H**  
**E estes são os 30 Poemas**  
**que faltam para a Meia-noite**

**Cardoso, o Serrano**



Título original:  
São 23.30 H e estes são os 30 Poemas que faltam  
para a Meia-noite

Capa e paginação: António Cardoso / Interdidáctica  
Desenho da Capa: Nunes da Rocha

© 2011 A. J. M. C.

Bubok

1ª edição

Tiragem: 99 ex.

ISBN: 978-989-20-2448-6

N. DL: 327502/11

Impresso em Espanha / Printed in Spain

Impresso por Bubok

*Dedico estes poemas/aforismos,  
aos meus eternos companheiros de viagens*

*João Miguel Antunes*

*José Luís Tavares*

*Nuno Madeira*

***Cardoso, o Serrano***

*Nasceu em Mação, por entre as pedras e os pinheiros,  
e é Professor Bibliotecário em Lisboa.*



## **Poucas Palavras Prévias**

Estes aforismos, recheados de deliciosos lugares comuns que são sempre agradáveis de relembrar, escritos com a velocidade dos viajantes presos a um país, a uma região, a uma cidade, a uma casa, a um quarto, a uma mesa e a um teclado, são, acima de tudo, “bocas” do sabor acre da inércia que apenas a Viagem consegue diluir em múltiplos desejos descontrolados.

*Cardoso, o Serrano*

**Escritos entre as 23.30 H e as 00.00H  
do dia 22 de Fevereiro de 2010  
em Tomar**





1.

A noite acontece devagar  
pela neblina da memória  
onde os avatares  
dão novas vidas  
à nossa esperança.

O avatar ocupa  
assim  
o lugar da memória  
ininterruptamente substituída  
pela meta memória  
dos novos tempos.

Esta é a nova aventura  
que nos consome  
sem os imediatismos  
da educação.

Desta forma  
acabamos por ser  
os perfeitos avatares  
dos nossos avatares.

E a sucessão dos dias  
fica adiada  
para outro mundo virtual  
que chegará  
qualquer dia.

2.

Quando chove  
a água corre sem freios  
a prenderem  
a sua alma espavorida.

Quando chove  
não existem ilhas  
de cascalho seco  
no inverno da nossa  
inteligência habituada.

Quando chove  
o ar fica quente por dentro  
da cabeça...

Onde se encontram  
os mecanismos  
da civilização.

3.

Acabar uma obra  
é configurar a construção  
para o seu término.

É desta e de outras verdades  
que vivem os arquitectos  
dos nossos sonhos.

E a nós  
apenas nos resta  
habitar essas construções...

Invariavelmente  
sem remorsos.

4.

Existem segredos

em todas

as asas que não possuímos.

5.

As mulheres  
sabem que as divindades  
são efémeras.

Os homens desconfiam...

6.

Quando as árvores  
se vergam ao vento  
apenas se deixam levar  
pelas evidencias  
mais relevantes.

Mas o acto de vergar  
tem no seu âmago  
a virtude  
de não partir.

7.

As ruas têm sempre  
um sentido contrário.

É esse o sentido das ruas.



8.

Pela madrugada  
as cores acordam desmaiadas  
e por vezes  
disfarçadas de outras cores.

Cabe ao poeta  
decifrar esta camuflagem  
onde o olhar se perde  
ao sair da noite.

A madrugada serve  
assim  
os propósitos dos códigos  
mais antigos.

Onde nos perdemos  
e onde nos encontramos.

9.

Ao caminhar  
apenas devemos ter em conta  
o caminho.

Pois as suas margens  
são a distração impossível  
de compreender.

Ao caminhar  
devemos apenas deixar pegadas.

Tudo o mais é supérfluo.

10.

Os velhos da minha aldeia  
descansam na soleira das portas  
onde descascam maçãs pela manhã.

Os velhos da minha aldeia  
não dão conselhos  
apenas sorriem  
enquanto observam  
as imaturidades da juventude.

Os velhos da minha aldeia  
limitam-se a ser os velhos da minha aldeia.

11.

Mãos dadas  
não são mãos vendidas.

Mãos dadas  
são o poder de ligar  
o que não pode ser ligado.

Mãos dadas  
são o fosso das almas  
onde caímos  
pendurados pelos dedos.

Depois da venda das almas.

12.

Ao sonharmos com novas vidas  
descuramos o labor da nossa inteligência.

E a inteligência deve ser bem trabalhada  
como se disso dependesse  
o labor da nossa vida.

13.

Viaturas velozes  
e outras figuras modernas  
instalam-se nas nossas casas  
sem pedir licença  
e sem respeito pela nossa  
capacidade de abarcar  
a velocidade das transformações  
actuais.

Mas os poetas  
que desde sempre  
souberam estas  
e outras verdades  
iniciam a metamorfose  
imediata das realidades  
promissoras.

Onde não existe desculpa  
para a ignorância dos tempos.

Os poetas são  
assim

os derradeiros defensores  
da velocidade alucinante.

Com que nos bombardeiam  
os tempos modernos...

14.

Voar sempre foi um sonho repetido.

Voar alto é apenas para os destemidos.

Cair e voltar a voar é apenas para os homens.



15.

As fronteiras são a margem  
dos sentimentos.

Onde a alfandega da inteligência  
não consegue evitar  
o contrabando do coração.

16.

Corremos todos os dias  
como se disso dependesse  
a nossa existência.

Aceleramos pelas auto-estradas  
da memória  
inconscientes dos famigerados  
separadores centrais  
onde nos espetamos  
nas curvas do entendimento.

Ao darmos uma velocidade insana  
aos nossos gestos  
estamos a contribuir  
para o despiste rápido  
dos encontros anunciados.

17.

Viajamos e voltamos a viajar  
com a sede que apenas possuem  
os viajantes  
mais audazes.

Viajamos sem ter por fim  
qualquer horizonte.

Viajamos pela necessidade intrínseca  
de viajar...

De dar novos mundos  
à memória.

18.

As culturas fantásticas  
onde se constroem  
as novas verdades  
são a sombra  
do nosso desespero.

A imagem  
perdida  
da nossa inocência.

19.

Percorremos a vida.  
as imagens da vida.  
as vontades da vida.  
as vicissitudes da vida.  
todas as vidas...

E

por fim  
descobrimos  
que passamos a vida  
a sonhar com vidas inacessíveis  
e viagens proibidas.

Esta

é a nossa impossibilidade activa.

20.

Foi de bicicleta que esqueci os pés.

Foi de motorizada que esqueci a bicicleta.

Foi de moto que esqueci a motorizada.

Foi de carro que esqueci a moto.

Foi de comboio que esqueci o carro.

Foi de avião que esqueci o comboio.

Foi de nave espacial que esqueci o avião.

Foi de...

Foi de muito sonhar que esqueci o mundo.

21.

Ao atravessar o deserto  
reparei que a água ficava mais longe.

É o que acontece quando se atravessa  
o deserto.

22.

Ao longe

todos os recantos do mundo

nos parecem imensos

inacessíveis

e apetecidos.

Ao perto

tudo nos parece bijutaria

barata.

É a miopia das ideias.



23.

Pelos campos da minha infância  
pastaram ovelhas  
correram cavalos  
morderam cães  
cacarejaram galinhas  
e abraçaram mamãs.

Pelos campos da minha actualidade  
nada continua como dantes  
nada de ovelhas, cavalos, cães,  
galinhas ou mamãs...

Só os abraços sobreviveram  
transfigurados  
em amplexos muito mais audazes.

Pelo caminho perdeu-se o carinho...

Resta apenas o suor!

24.

As cidades estão aí  
viradas para dentro  
com as casas de portas fechadas  
onde os vizinhos  
são miragens delirantes.

25.

Em todas as ruas existem portões  
onde espreitamos os sonhos dos outros  
por entre as grades.

Em todas as ruas existem janelas  
de onde nos observam os sonhos  
por detrás das cortinas.

Chama-se a isto um sonho duplo.

26.

Onde crescem os limões  
belos e amarelos  
não é possível a doçura das carícias.

Mas o que seria do amor  
suado e à flor da pele  
se não fosse o agridoce da sua existência.

27.

É verdade que a cavalo dado  
não se olha o dente.

Mas o que fazer dos dentes  
que nos mordem o pensamento  
sem o galopar dos cavalos?

28.

As fotografias são  
o espelho da alma  
onde reconhecemos  
as personagens  
e vislumbramos  
o amor que as consome.

As fotografias  
são o retrato da vida  
e dos gestos  
que a sustentam.

As fotografias  
são aquelas coisas incómodas  
que saem das máquinas.

29.

Ao ouvirmos uma música  
que nos toca  
soltamos a ave  
que guardamos em nós.

E é ao voarmos pela música  
que descobrimos  
quantas asas nos faltam  
para cumprir o nosso  
destino.

A música consegue sempre  
medir a distância entre  
a realidade  
e as nossas aspirações.

Sem piedade.

30.

O poema é o derradeiro sinal  
da nossa inconstância  
onde percorremos os bares  
da nossa imaginação  
e os espectáculos  
da nossa inteligência.

O poema é  
assim  
a única alternativa  
ao poema.



Ao atravessar o deserto  
reparei que a água ficava mais longe.

É o que acontece quando se atravessa o deserto.



